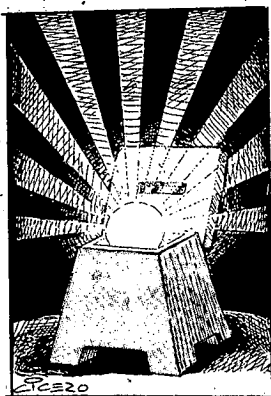


Com a cara de Brasil



Nunca será demasiado ressaltar o extraordinário valor do processo eleitoral que estamos vivendo. Um verdadeiro leque de opções confere-lhe grau de riqueza sem precedentes, na justa medida em que se supera a idéia simplista de que há, apenas, a esquerda e a direita. E, principalmente, a falsa imagem de que o centro é o equilíbrio perfeito e confortável dos pratos da balança, ou dela seu fiel. Em outras palavras, entre a plena claridade e a obscuridade

completa há nuances de luz e sombra que os eleitores saberão identificar com precisão, ou serão instados a apreendê-las, desde já. Ademais, a alegria e o empenho com que todos se atiram na defesa das suas razões, paixões e convicções se encontram, também, nas crianças, e nos dão um sinal seguro da nossa vitalidade. Estamos muito vivos!

Parecemos, afinal, um povo que superou sua longa noite de angústia e medo, e quer construir um outro país, pelo exemplo despojado dos seus filhos e pelo engajamento responsável e sincero que a si mesmo atribuiu.

Impõe-nos, o processo, tropeços contundentes, lições amargas e, quando não, justificados sobressaltos. É provável que até o dia 15, com direito de extensão às vésperas do Natal, sejamos surpreendidos por eventos que costumam eclodir no limiar dos acontecimentos históricos, na azáfama; no corre-corre das providências que antecedem as melhores festas. Tudo bem. Esta é a festa que o povo brasileiro conquistou lutando.

Abertas as primeiras urnas, teremos um novo País, nunca mais o mesmo. Separado de nós pelas últimas horas do dia 15, o País de hoje parecerá a infinita distância e, definitivamente superado, no dia 16. Como povo, estamos exercitando uma de nossas melhores qualidades: a de aprender com rapidez. Tudo o que se passa, neste momento, tem a nossa cara, identifica-se com a nossa geografia, o nosso terceiro-mundismo.

O que há de errado em vivermos nossas imperfeições? Devemos nos render aos elitistas que reprovam nosso "ridículo comportamento", nossas "baixarias" do horário gratuito? De que nos valeriam a assepsia dos dinamarqueses, a fleuma dos ingleses, a perfeição dos suíços, se não vivermos, plenamente, nosso tempo, e com ele aprendermos o futuro? Denunciem-se os pretensos elitistas, mascates de impostado perfeccionismo, esses que entremeiam poses de sabedoria com muxoxos de desprezo pelo povo. Este processo tem a nossa cara, nossas feições, nosso gosto, e propõe a exata grandeza do País que vamos construir. Viva ele, pois! **Franz Rulli Costa — SQS 113**